

NOTA DE LEITURA

CHEIKH ANTA DIOP, THÉOPHILE OBENGA: COMBAT POUR LA RENAISSANCE AFRICAINE, POR DOUE GNONSEA. PARIS: L'HARMATTAN, 2003. 344 p.

Neste ensaio Doue Gnonsea traz para o leitor a valiosa contribuição das pesquisas de Cheikh Anta Diop e de Théophile Obenga. Ele retrata o percurso dos dois intelectuais, marcado pela constante de resgatar a antiga civilização negra do Egito. Demonstrar cientificamente a origem negra dessa civilização e o mais importante mergulhar nela para construir uma identidade própria à África hodierna foram os contornos da luta que travaram desde os anos 40 do século passado até hoje. O legado de Diop, falecido em 1986, continua frutificando e dentre renomados pesquisadores nos mais diferentes campos do conhecimento, destaca-se Théophile Obenga, que foi seu discípulo. Doue Gnonsea também lança luz sobre a tentativa de silenciamento de Cheikh Anta Diop, por seu contemporâneo Leopold Sedar Senghor, intelectual e ex-presidente do Senegal que se considerava muito devedor da civilização ocidental e, sobretudo, da francesa. Diop, assim como Aimé Césaire, nunca pregou a superioridade ocidental.

A questão da diáspora africana, suas raízes e seu devir em função dos impactos das pesquisas diopianas é bastante discutida nesse ensaio. Neste plano, a nosso ver, encontra-se com mais nitidez a contribuição dos elementos culturais africanos na América Latina em geral e no Brasil em particular.

No campo dos estudos literários, a grande complexidade da sociedade brasileira devido a sua extensa e longa história de miscigenação total, não permite uma apreensão imediata e direta dos aportes da cultura africana na herança cultural do Brasil. Contudo, no capítulo **Resolidarisation et Unité du Monde Noir**, cujos três primeiros parágrafos traduzimos abaixo, Doue Gnonsea não só aponta alguns elementos culturais de resistência de origem africana, como faz uma análise crítica do processo escravagista e de seus efeitos perversos.

RESOLIDARIZAÇÃO E UNIDADE DO MUNDO NEGRO

Essas duas noções dizem respeito às relações entre os Negros na África, seus irmãos da diáspora e entre os próprios Negros da diáspora. A unidade do mundo negro apóia-se inelutavelmente sobre esse sentimento de pertencer a uma mesma comunidade histórica e cultural precisamente evidenciada nas pesquisas científicas de Cheikh Anta Diop e de Théophile Obenga. No intuito de apreender a importância desta imensa contribuição ao pan-africanismo, é conveniente indicar brevemente as características gerais da desagregação do mundo negro gerada pela agressão escravagista e pela invasão colonial européia. As tragédias da escravidão e da deportação dos negros causaram entre 100 e 300 milhões de vítimas; separaram violentamente elementos de uma mesma comunidade e provocou uma fragmentação da consciência coletiva africana. As conseqüências desse processo de fragmentação foi uma alteração brutal e persistente da personalidade cultural tanto dos negros deportados para as Américas e as Antilhas quanto para os que ficaram na própria África.

Para os primeiros, será a diluição identitária nesses territórios distantes devido ao desaparecimento do contato direto com a cultura negro-africana autêntica.

A perda da língua materna abrirá inevitavelmente o caminho para o processo de criouliização que faz preceituar hoje, para alguns de nossos irmãos, que “eles não são negros, mas crioulos”. Este processo de desintegração humana conduzida pela política escravagista vai, porém, se chocar com a resistência cultural africana à qual se deve atribuir a sobrevivência e a persistência, aqui e lá nos Caribes, dos cultos religiosos da mãe África tal como o vodú haitiano, os candomblés do Brasil, a santeria de cuba, etc., assim como do humanismo negro, que ficou praticamente intacto ao longo dos séculos de perseguição.

Contudo, apesar dessas ilhotas de resistência cultural, a educação imposta pela dominação européia nos território que ainda pode ser considerada, para alguns, como colônias, contribuiu nitidamente para afastar culturalmente da mãe África esses africanos das Américas e das Antilhas e fez aparecer entre muitos deles esse sentimento de pertencer a um outro povo cuja história começaria com a escravidão. Como o cineasta africano americano Spike Lee disse, “os Negros foram educados em um ódio da África”. Pois, embora a gente se interessasse pela África, esse refrão era repetido continuamente pelos europeus aos africanos: os Negros das Américas e das Antilhas foram vítimas de seus irmãos da África que os venderam para os Brancos. Lítania muito sedutora e eficiente que não só criava uma profunda divisão entre os Negros, mas, sobretudo, permitia aos europeus livrar-se de seus crimes (GNONSEA, 2003, p. 230-231).

Aboua Kumassi Koffi Blaise